

MIROKU BOSATSU

Fernando Carlos Chamas¹

Resumo: Supõe-se que Miroku Bosatsu, Maitreya, tenha sido uma das primeiras entidades budistas a entrar no Japão, e esse fato levanta curiosidades sobre os primórdios da história japonesa e sobre a mística que envolve a crença em Miroku.

Palavras-chaves: Budismo, Japão, Miroku Bosatsu, Maitreya.

Abstract: It is assumed that Miroku Bosatsu, Maitreya, was one of the Buddhist entities that first entered Japan and this fact raises curiosity about the origins of Japanese history and the mystique surrounding the belief in Miroku.

Keywords: Buddhism, Japan, Miroku Bosatsu, Maitreya.

Vagar pelo tênue limite entre lenda e ciência é natural no estudo das imagens budistas. Tomar um dos lados é realmente empobrecedor, sobretudo quando analisamos a estátua de Miroku Bosatsu (弥勒菩薩) do Templo Kôryûji (広隆寺).

1. Mestre em Cultura Japonesa, DLO-FFLCH-USP. Docente da Faculdade Messiânica.



(1) Miroku Bosatsu, séc. VII, madeira, 100,6 cm, Templo Kôryûji, Kyôto.

A imagem foi esculpida “de um tronco”, técnica conhecida como *ichiboku-zukuri* (一木造り). Esculpir detalhes delicados em apenas um troco torna a obra ainda mais valiosa. Tem uma coroa e está em “posição de pensador sentada em meia posição de lótus” (*hankashiiza*, 半跏思惟座). Ela tem uma face oval com o olhar abaixado para o nada, pois seu pensamento está longe, postura que Gautama assumira enquanto tomava a importante decisão de se tornar monge². Ele, Miroku, está sentado sobre um trono com a perna direita dobrada sobre a perna esquerda pendente, tornozelo direito sobre joelho esquerdo e sobre a perna direita, o braço direito está apoiado com o cotovelo enquanto a mão toca levemente a face com o dedo médio. O nariz é reto e a expressão facial tem um leve sorriso. O torso curvado e liso lhe dá leveza. A parte mais baixa do corpo está coberta com um *mo* ou *mokakeza* (裳 ou 裳懸座), tipo de saia que, no caso, estende-se sobre o pedestal como uma cortina, uma peculiaridade desta época. Os ombros são estreitos e o

2. Mais tarde, escultores chineses começaram a fazer imagens de Gautama naquela postura. No século VI os escultores chineses começaram a descrever Miroku Bosatsu, em vez de Gautama, nessa postura.

tronco é mais esbelto se comparado ao das imagens esculpidas no século IX e posteriores. A madeira de pinheiro vermelho japonês, da qual a imagem foi esculpida, aparece em áreas em que as folhas de ouro que a cobriam estão se destacando.

Primeiramente, uma lenda, contada e questionada por Moriguchi Minoru³, nos ajuda a entender a origem dessa estátua. Assim se resume a lenda:

Havia um homem chamado Hata Kawakatsu, descendente da família de Silla⁴. Um dia, Shôtoku⁵ contou para Kawakatsu um sonho que teve: ‘Eu viajava para o norte e fui parar num lugar com muitas árvores de bordo. Havia um estranho aroma, e sua família me dava boas vindas’

Kawakatsu disse que o lugar era Yamashiro e que sua família vivia lá. Ele prometeu levar Shôtoku até lá, e o lugar era exatamente como no seu sonho. Árvores de bordo eram numerosas e havia uma outra grande e perfumada de nome Judá. Ele se aproximou dela e viu um grande tesouro em seu interior. Parecia ser um enxame de abelhas, mas quando olhou mais de perto, viu que não eram abelhas, mas discípulos de budas discutindo os sutras. Shôtoku presenteou uma imagem para Kawakatsu, que então construiu em Yamashiro um templo para conservá-la. O templo era Kôryûji. Alguns estudiosos acham que essa imagem é a de Miroku Bosatsu.

-
3. Essa lenda se encontra no artigo de MORIGUCHI, Minoru. “The Miroku Bosatsu of Kôryû-ji and Shôtoku Taishi”, p. 10-16.
 4. O budismo se tornou a principal força cultural para unificar a península coreana. Quando o budismo foi introduzido na Coreia, a península estava dividida em três reinos: Koguryô (Kôriuri) ao norte, Paekche (Kudara) ao sul e Silla (Shiragi) a sudoeste. Em 372, textos e imagens budistas chegaram ao reino de Koguryô sincretizando-se com o xamanismo local e, de Koguryô, foi para o sudeste do reino de Silla no século V, por volta de 434. O rei deste reino, Chin-hung (r. 540~557), encorajou a expansão do budismo e fundou o *Hwarang*. Paekche foi conquistado por Silla na metade do século VI. Em 668, Koguryô foi destruído por Tang da China. Eventualmente, Silla expulsou os chineses da península e depois disso, em Silla, um reino mais jovem do que Koguryô ou Paekche, alcançou a unificação da península, porque Silla tinha o mais poderoso exército, essencialmente formado por militares *Hwarang*. Imagens de Paekche foram produzidas no mesmo período, mas poucas, o que sugere que em Paekche, Miroku foi adorado por alguns e não pela coletividade.
 5. Shôtoku Taishi (574~622), sobrinho da imperatriz Suiko (r. 592~628) e o segundo filho do imperador Yômei, e tornou-se um budista devoto, tendo estudado sob a orientação do proeminente monge de Koguryô, Eji, e realizado práticas ascéticas. O título Shôtoku significa “sagrado-virtuoso” e é mencionado no seu comentário sobre o sutra *Shôman-kyô*, no qual as três principais virtudes de Buda se lhe são somadas. Aplicado ao príncipe, tal título é tido como póstumo, mas provavelmente teria sido usado durante seu tempo de vida. Ele foi tão reverenciado como estadista, sábio e patrono do budismo que um culto de devoção em sua honra surgiu logo após a sua morte. A veneração permeou muitos ramos do budismo e alcançou seu auge no período Kamakura (1185~1334) quando o príncipe foi tido como o patrono das artes. Foram feitas imagens representando sua infância, uma representação que evoca pureza e sabedoria, e também algumas representações de Buda com uma expressão infantil. Séculos após sua morte, ele foi divinizado como uma das encarnações de Buda. Os estilos de arquitetura e escultura budistas padronizados pela corte durante o seu governo são usualmente conhecidos como estilo Asuka. In ANESAKI, M. “The Foundation of Buddhist Culture in Japan. The Buddhist Ideals as Conceived and Carried on by the Prince-Regent Shotoku” (“A Fundação da Cultura Budista no Japão. Como os ideais budistas foram compreendidos e conduzidos pelo Príncipe Shôtoku Taishi”). *Monumenta Nipponica*, v. 6, ed. 1/2, Universidade Sophia, 1943, p. 1-12.

Silla também havia presenteado uma imagem budista para o Japão em 623, que foi empossada em Kôryûji e significava um gesto de condolência pela morte de Shôtoku, ocorrida em 622. Provavelmente, era um Miroku produzido em Silla no início do século VII, pois ele era adorado pelos *hwarang* (“cavaleiros das flores”), homens da aristocracia que se tornaram militares de Silla. Algumas imagens também foram produzidas no mesmo período em Paekche. No Museu Toksu Palace de Seoul, na Coreia do Sul, há um pequeno Miroku de bronze de notável semelhança com o do templo Kôryûji. Ambas pertencem ao estilo das dinastias do Norte (386~581) Qi e Zhou⁶. Aquela é datada do início do século VII, comprovando-se portanto a teoria de que a de Kôryûji foi produzida na Coreia. O fato de a imagem ser de pinho vermelho e haver nenhuma outra escultura desse material de origem japonesa pode indiretamente sustentar essa teoria.

Moriguchi destacou dez referências a imagens budistas durante o período de 552 até 623, no *Nihon Shoki*⁷ (日本書記). Cinco são descrições de circunstâncias sob as quais as imagens budistas foram presenteadas por Paekche e Silla. Quatro mencionam a produção doméstica, como a afirmação de que Shôtoku deu uma a Kawakatsu em 603. Porém, a última passagem mencionada, de 623, não especifica a origem da imagem ou como Shôtoku a teria conseguido. Se o Miroku de Kôryûji é a mesma imagem que Shôtoku dera a Kawakatsu, ele também pode ter sido dada por Silla em 623.

Ainda há uma hipótese muito interessante levantada por Moriguchi Minoru no mesmo artigo sobre a origem de Miroku de Kôryûji:

“Os ancestrais de Kawakatsu eram cristãos na antiga Israel. O nome Uzumasa, o local de Kôryûji, consiste nas palavras *uzu*, significando ‘leste, iluminação, cultura ou desenvolvimento’, e *masa*, uma palavra do vocabulário hebreu significando ‘presente ou doação’. Em O-sake, um santuário que guarda o Kôryûji, foi originalmente chamado de *Daibyak*, que é uma tradução chinesa de David, um dos reis de Israel. Na China antiga, havia uma igreja cristã chamada *Daginsi* cujos caracteres são muito próximos daqueles do nome alternativo de Kôryûji, templo Uzumasadera. Quando olhamos a origem da imagem sob essa perspectiva, podemos encontrar certas ligações entre o cristianismo, Shôtoku e Miroku. Shôtoku é também chamado de *Umayado-no ôji*,

6. O Miroku do templo Chûguji e o Miroku do templo Yachuji pertencem a esse grupo das tradições de Qi e Zhou, que mostram as figuras em posição *hankashii* e expressando um sorriso carinhoso; trata-se de obra-prima do final do período Asuka (552~645). O duplo coque em sua cabeça se liga ao Miroku descoberto nas escavações em Nachi, Wakayama.

7. *Nihon Shoki* (“Crônica do Japão”), uma história japonesa escrita em chinês, compilada na corte imperial no ano 720 sob a influência da cultura continental, indicando o desenvolvimento da consciência nacional. Trinta volumes de narrativas cobrem o tempo desde a era dos deuses através do reinado da imperatriz Jitô (r. 690~697). A primeira metade do trabalho contém mitos e lendas e a última parte é mais histórica. Junto com a obra literária *Kojiki* (“Registro de Coisas Antigas”, 712), é a fonte mais importante de teologia xintoísta, que narra a origem divina dos imperadores.

porque a lenda conta que ele havia nascido num estábulo. Ainda mais, a aparição de Miroku, 5670 anos após a morte de Gautama, é um conceito de séculos messiânicos.”

Mas quem foi, é ou será o Buda Miroku Bosatsu? Seu nome em sânscrito é Maitreya, do sânscrito *maitrī*, que significa “aquele que nasceu para a compaixão” Também é traduzido como Jishi (慈氏) ou Jison (慈尊), o “Mestre da Fraternidade, da Benevolência e da Amizade” Os ideogramas 氏 (*shi*) e 尊 (*son*) são sufixos de cortesia e reverência para nomes de família, mas o segundo é mais comum para os Budas. O 慈 (*ji*, “carinhoso, amoroso, afável”), está associado com seu semelhante, o 悲 (*hi*, “tristeza”), para formar o vocábulo 慈悲 (*jihī*), assim expressando o princípio máximo da corrente mahayana, a compaixão. Mesmo assim, ele é um dos budas mais mencionados como o “Buda do Futuro” no budismo exotérico (*kenkyō*, 顯教) e hinayana (*Shōjōbukkyō*, 小乘仏教), além do próprio mahayana (*Daijōbukkyō*, 大乘仏教) e nos sutras *Agon-gyō* (阿含經) e no próprio Miroku-kyō (弥勒經) ou *Kan Miroku Bosatsu Jōshō Tosotten-kyō* (觀弥勒菩薩上生兜率天經, “Sutra da Contemplação de Miroku Bosatsu para Renascer em Tosotten”). A contemplação se dá pelo estado *shōgon* (莊嚴, *shitsurai*) desenhado e pintado, ensinando-se a renascer lá. Também se diz que Hotei (布袋), um dos “sete deuses da sorte” (*shichifukujin*⁸) do Japão, é uma das reencarnações de Miroku neste mundo. Outros nomes são Mirai Butsu (未来仏) ou Tōrai Butsu (当来仏), que significam “o Buda do Futuro” Em chinês, Mile; em coreano, Mi-ruk; em tibetano, Byams-pa.

Miroku (弥勒) também é considerado um Bosatsu (菩薩), ou seja, ele resolveu adiar o seu nirvana ou “morte neste mundo” para aqui ficar até que todos os seres estejam salvos, mas é mais compreensível se o colocarmos como um “pré-buda”, que não está neste mundo, mas em um outro dos milhares de mundos budistas, chamado Tosotten (兜率天), a Terra Pura de Miroku (Miroku Jōdo, 弥勒淨土) ou A Terra Pura Tosotsu (Tosotsu Jōdo, 兜率淨土). Ele está se preparando para vir ao nosso mundo e, infalivelmente, tornar-se o próximo Buda depois do Buda da nossa era, Siddharta Gautama. Significa que ele nascerá nesse mundo

8. Os Sete Deuses da Sorte ou *Shichifukujin* (七福神) são um grupo eclético de entidades do Japão, Índia e China. Somente Ebisu é nativo do Japão. Daikokuten, Bishamonten e Benzaiten são da Índia. Hotei, Jurojin e Fukurokuju são da China. Hotei ou *Pu-tai* em chinês foi um monge zen chinês do final da dinastia Tang (618~907) ou talvez das Cinco Dinastias (907~960), nascido em Feng-hua-xian, Ming-zhou, que andava pela cidade com a barriga exposta e um bastão no ombro com um saco de cânhamo (*hotei*) que continha todas as suas necessidades diárias obtidas com oferendas. Hotei é representado como um buda sentado, gordo e sorridente, sendo uma das imagens mais mundialmente populares e conhecidas como buda da sorte, porque tinha a reputação de ser um grande leitor da sorte. Sua imagem de buda gordo, sentado e sorridente espalhou-se como sendo a do Buda Sakyamuni. Pode ter crianças a seus pés e se acredita que esfregar a sua grande barriga e oferecer moedas trazem sorte ou que colocá-lo de costas para a porta principal impede a entrada de males.

como uma pessoa comum, e em algum momento de sua vida, despertará para a iluminação. Só então ele decidirá se ficará ou não neste mundo.

É muito difícil transmitir a concepção de mundo dentro do “budismo esotérico” (*mikkyô* 密教), assim como todos os outros termos próprios de seu ocultismo. Mundo é *sekai* (世界), uma dimensão com seus ciclos particulares. Se uma pessoa está presa aos seus ciclos, então ele não pode sair desse mundo. Isso só é compreensível pela iluminação, pois o iluminado se desliga daqueles ciclos, mas de nada adianta ele tentar explicar isso. A nossa ciência insiste em tentar outras dimensões e suas leis particulares, mas vivenciá-las livremente, é só para os iluminados. Portanto, antes de vir ao nosso mundo, um pré-Buda precisa pensar na melhor forma de ensinar como atingir o seu estado iluminado e como enfrentar essa iluminação, e Miroku está justamente se preparando para isso.

Pode-se dizer também que após a iluminação um Buda já não pertence mais a este mundo. Em sânscrito há duas palavras para isso: *nirvana* e *paranirvana*. Mesmo tendo a absoluta compreensão da vida e podendo sair do seu ciclo (*paranirvana*) a qualquer momento, Gautama viveu uns oitentas anos, envelheceu, adoeceu e morreu (*nirvana*), exatamente como nas visões que o chocaram quando era jovem e que o fizeram voltar-se para o ascetismo. Assim foi com Gautama e todos ou outros budas antes dele, assim será com Miroku.

Como Gautama, Miroku não deixará nada escrito com suas mãos, e a maior parte de seus ensinamentos estará no que não pode ser escrito ou dito. É um tipo de ensinamento que atinge diretamente o subconsciente das pessoas pela simples presença de um Buda no mundo. O esoterismo de nossa era é expresso por sutras, mandalas, mantras, danças, estátuas, pinturas e rituais. Isso parece inevitável, já que atinge nossa peculiar sensibilidade: precisamos da arte. O auge dessa arte religiosa é a do zen-budismo, e sua representação máxima, o vazio.

Miroku, representado como uma escultura é a expressão artística mais humana e abstrata do vazio e do porvir. Sua imagem parece estar refugiada num mundo espiritual, a olhar fixamente para o vazio ou a contemplar a salvação do homem. Querer prever o futuro também é uma peculiaridade humana, e a estátua de Miroku é um destes testemunhos remotíssimos de sua visão: um futuro que ainda nos parece longínquo. Nossa era parece sempre estar dentro de um lapso de tempo que já foi predito pelas culturas mais antigas, ou de uma era anterior. Por um lado, a lógica é simples: se já existiram tantos Budas, por que não mais um? Essa forma de pensar está na nascente do budismo. Na crença Tendai (天台), considera-se que Gautama é o buda do passado, Yakushi Nyorai (薬師如来) do presente e Amida Nyorai (阿弥陀如来) do futuro, mas na crença Shingon (真言), Miroku é o “Buda que virá no futuro” No início do período Heian (794~1185), quando o budismo era relativamente novo no Japão, as estátuas de Miroku começaram a suplantar as de Amida, tornando-se importantes, especialmente para a escola Shingon.

Especificamente, o foco fundamental da fé Shingon era renascer em Tosotten (Céu *Tusita*), o quarto dos seis paraísos em *yokkai* (欲界), o mundo dos desejos. Acredita-se que há 49 residências em Tusita, dividido em região interior (*nai-in*) e exterior (*ge-in*). Os *bosatsu* que serão budas, como Miroku, estão em *nai-in*, o qual é normalmente chamado de Terra Pura (Jôdo Tosotsuten), como a de Miroku Bosatsu, e as divindades *Ten* estão no *gen-in*.

Na mitologia hindu já se crê que Vishnu reencarnará mais uma vez (décima) no fim da época presente do mundo e seu nome será Calque. No budismo, acredita-se que Miroku foi um dos discípulos de Gautama que recebeu o *juki*⁹ (授記 ou 受記) para “se realizar como um Buda” (*jôbutsu*, 成仏). Segundo o sutra do “Sermão do Rei sobre a Roda (da Lei) Rodando” (Dīgha-nikāya), agora ele está sob treinamento ascético no céu Tosotten (céu Tusita, Tushita ou Tosotsu), há milhões de milhas ao norte desse mundo, e fazendo o *seppô-kyôka* (説法教化, “educando-se no sermão”). Depois de 5.670.000.000 do *butsumetsu* (仏滅), a morte de Gautama, ou quando a humanidade atingir 80 mil anos, Miroku nascerá nesse mundo com a “capacidade de se tornar Buda em apenas uma vida” (*isshôfusho*, 一生補処) sob o Ryûgeju (竜華樹, “árvore sagrada com a flor de lótus dragão”) do jardim de lótus Gerin'en (華林園) onde “convocaria três vezes uma reunião” (Sanne, 三會) para pregar os ensinamentos e salvar o mundo. Segundo o a palavra *saido* (濟度) é usada para a salvação budista de todas as pessoas e deuses do céu e da terra.

Miroku já pode ser encontrado nos Budas de Gandhara¹⁰ do século II e na China (北魏, 386~534) da segunda metade do século V, junto com a crença em

9. Um dos sutras jûnibu-kyô (十二部經), “Os Doze tipos de sutra”: 1. Kai-kyô (契經, os discursos em prosa de Buda); 2. Jûju ou Giya (重頌 ou 祇夜, a essência dos discursos na forma de versos); 3. Geju ou Kada (偈頌 ou 伽陀, versos contendo idéias não incluídas nos sutras); 4. Innen ou Nidana (因縁 ou 尼陀那, narrativas históricas); 5. Honji ou Nyozezo (本事 ou 如是語, as vidas passadas dos discípulos de Buda); 6. Honjô ou Jâtaka (本生 ou ジャータカ, as vidas passadas de Buda); 7. Mizôu (未曾有, histórias sobre os milagres de Buda); 8. Hiyu ou Abadana (譬喩 ou 阿婆陀那, alegorias); 9. Rongi ou Upadaisha (論議 ou 優婆提舍, discussão da doutrina na forma de perguntas e respostas); 10. Jisetsu ou Udâna (一 ou 優陀那, declarações de Budas que não são discutidas pelos discípulos); 11. Hôkô (方廣, sutras que tratam de vários tópicos); 12. Juki (profecias de Buda sobre a iluminação dos seus discípulos). Também chamado de *kibetsu* (記別), *kisetsu*, *juketsu* e *ki*.

10. Hoje, noroeste do Paquistão e leste do Afeganistão entre os séculos I a.C. e 7 d.C. O papel de Gandhara na evolução das imagens budistas tem sido um ponto de desacordo considerável entre os estudiosos. Hoje parece mais claro que as escolas de Gandhara e Mathura (Uttar Pradesh, Índia) desenvolveram independentemente suas próprias características para a representação de Buda em torno do século I d.C., mas se influenciaram mutuamente. As montanhas e desertos de Ghandhara, Tibet e China, também fizeram parte das rotas comerciais conhecidas como Rotas da Seda, da Ásia Central até Alexandria, então parte do império romano. Roma, Mar Mediterrâneo, Antióquia, Bagdá, Samarcanda, Merv, Kashi, Hetian, Loulan, deserto de Taklarmakan, deserto de Gobi, Dunhuang, Chang'an (capital da China Han, 206 a.C.~220 d.C.). Na cidade chinesa de Lanzhou, perto dessa rota, há as mil cavernas de Buda. Trata-se de um sítio arqueológico com 694 estátuas de pedra, 183 cavernas, 82 estátuas de terracota e 900 metros de murais. A imagem principal é a de Miroku, que conta com mais de 27 metros.

Gautama, sobretudo associado às “estátua pensantes” (*shiizô*, 思惟像) nos Unkô Setsu Kutsu (雲岡石窟) como no estilo dos Bosatsu Kôkyaku (交脚).



Kôkyaku Miroku e Unkô Setsu Kutsu de Tang, 618-906 d.C.

Há 16 tipos de tipos de representação de Miroku e 4 kashô (家鈔), mas as diferenças são muitas. Mesmo ainda sendo um bosatsu com aspiração a Buda, alguns já são representados na forma Nyorai, a mais alta categoria dos milhares de divindades budistas, os seres iluminados, cuja representação escultórica é a abstração máxima, já que representa todo o esforço humano e artístico em representar o irrepresentável, pois, como afirmou acima, só os iluminados saberiam o que é a iluminação. Sendo o único bosatsu que pode ser representado como Nyorai, ele pode estar entre os “Cinco Grandes Budas da Sabedoria (*Gochi Nyorai*, 五智如来: Dainichi, Ashuku, Hôshô, Amida e Fukûjôju).

Normalmente, os bosatsu são representados como príncipes, ou seja, ostentam ricos adornos de época, mas, para os bosatsu, os adornos representam sua ligação com o mundo antes da vida monástica e, para os nyorai, simbolizam endeusamento. No Japão, porém, a relação entre budas e a concepção de deuses oscila entre aparências monástica e monárquica. Mas enfim, como nyorai, Miroku segura uma pequena estupa (*hōkkaitō*, 法界塔), que pode estar na coroa e simboliza o Buda Dainichi, e senta-se em posição *kekkaфуza* (結跏趺座, lótus completa) ou *hankashiiza*. Pode segurar um *suibyō* (水瓶, frasco sagrado) com uma flor de lótus vermelha e fazer o gesto *nyūjōsō* (入定相). Fora disso, não há forma fixa para Miroku como Nyorai.

Por volta dos séculos VIII~X, a crença no Tosotten de Miroku se difundiu e Koya Kinbunzen (古野金峯山) o chamou de Terra Pura de Miroku. Depois do século XI, devido à crença no *mappō* (末法, o fim do mundo 1500 anos depois da morte de Gautama) e o declínio da aristocracia do período Heian (平安時代, 794~1185), Miroku também foi adorado com fervor, assim como no fim do período Edo (江戸時代, 1603~1868), pois assim como Jesus, Miroku também foi visto como um prometido e aguardado reformador social. Essa crença foi chamada de Miroku Geshō (弥勒下生). Começando com o monge Kūkai (空海, 774~835), foram muitos os dignitários budistas que desejaram “renascer em Tosotten” e que, como Amida Nyorai, Miroku também já estaria “vindo buscar” os seus devotos segundo o modelo Raigō (来迎). Essa crença foi chamada de Miroku Jōshō (弥勒上生). Para os seus seguidores, Kūkai ainda está adormecido em seu túmulo na montanha Kōya, aguardando a vinda de Miroku.

Gravuras de Raigō Miroku foram feitas no período Kamakura (鎌倉時代 1185~1334) e também Mandalas Tosotten, mas suas imagens já eram executadas desde a chegada do budismo ao Japão. Estas estátuas são conhecidas pela sua forma em *hankazashii* (半跏座思惟), sentadas em meia posição de lótus e mergulhada em pensamentos, mas não em meditação. Há uma diferença entre concentração e meditação. Na meditação não há um foco, não há desgaste físico ou mental. Por ser a posição típica de Miroku, pode-se chamar de Postura Miroku, de atitude pensativa. Essa postura também inclui as posições sentadas com as pernas paralelas e pendentes e com as pernas paralelas e canelas cruzadas. Analisando apenas a postura de um modo geral, chama-se *Izō* (倚像) a imagem que tem as pernas penduradas para frente, como que sentada numa cadeira. No *Hankashiizazō* (半跏思惟座像, “estátua sentada em meia-posição de lótus e pensativa”), enquanto a perna esquerda está para baixo, a outra está cruzada sobre o joelho direito. O cotovelo direito descansa sobre o joelho direito e o braço direito, flexionado, tem a mão direita erguida em direção à face e toca o queixo, a bochecha ou a testa, embora varie a posição dos dedos e das mãos. A cabeça fica levemente inclinada em atitude de reflexão. A mão esquerda repousa sobre a sola do pé, canela ou panturrilha direita.

Miroku também aparece no *chûdaihachi* (中台八) que é a flor de lótus vermelha e central da Mandala Taizôkai (胎藏界曼荼羅). Ele está na pétala de posição noroeste sentado em posição de lótus completa, *kekafuza* (結跏趺座). Ele faz o gesto *semui-in* (施無畏印) com a mão esquerda e com a direita segura o vaso *suibyô* (水瓶) com uma flor de lótus dentro, mas às vezes também com a mão esquerda, faz o gesto *zenjô*¹¹ (禪定, “meditação”) ou segura um *hôtô* (宝塔, “pagode adornado”). O da Mandala Kongôkai (金剛界曼荼羅) é semelhante, mas a sua mão esquerda está sobre o joelho.

Nos períodos Asuka (飛鳥, 552~645) e Hakuhô (白鳳, 645~710) no Templo Yachûji (野中寺), Ôsaka, existe um Miroku intitulado de Kongôshii (金剛思惟), “diamante pensativo”, um dos mais nobres exemplos de estátuas vindas da Coreia. As estátuas dos templos Kôryûji (広隆寺) e Chûgûji (中宮寺), Kyôto, estão em *hankazashii*. No templo Taimadera (当麻寺) há um Miroku de barro, sendo um dos exemplos mais iniciais do Japão em estilo Tang (唐, 618~907). No Pavilhão Circular Norte (Hokuendô, 北円堂) do Templo Kôfukuji (興福寺) há o Miroku feito por Unkei (運慶, ~1223) e no Museu de Boston encontra-se o Miroku de Kaikei (快慶). A estátua do Pavilhão San'hôin (三宝院) do Templo Daigoji (醍醐寺) também é de Kaikei, talvez de 1192.



(2)



(3)



(4)



(5)

11. Hoje, noroeste do Paquistão e leste do Afeganistão entre os séculos I a.C. e 7 d.C. O papel de Gandhara na evolução das imagens budistas tem sido um ponto de desacordo considerável entre os estudiosos. Hoje parece mais claro que as escolas de Gandhara e Mathura (Uttar Pradesh, Índia) desenvolveram independentemente suas próprias características para a representação de Buda em torno do século I d.C., mas se influenciaram mutuamente. As montanhas e desertos de Ghandhara, Tibet e China, também fizeram parte das rotas comerciais conhecidas como Rotas da Seda, da Ásia Central até Alexandria, então parte do império romano. Roma, Mar Mediterrâneo, Antióquia, Bagdá, Samarcanda, Merv, Kashi, Hetian, Loulan, deserto de Taklarmakan, deserto de Gobi, Dunhuang, Chang'an (capital da China Han, 206 a.C.~220 d.C.). Na cidade chinesa de Lanzhou, perto dessa rota, há as mil cavernas de Buda. Trata-se de um sítio arqueológico com 694 estátuas de pedra, 183 cavernas, 82 estátuas de terracota e 900 metros de murais. A imagem principal é a de Miroku, que conta com mais de 27 metros.



(6)



(7)



(8)



(9)

- (2) Miroku Bosatsu, ano 666, bronze, 31.2 cm, templo Yachûji, Ôsaka
- (3) Miroku Bosatsu, bronze, 41.8 cm, primeira metade do séc. VII, Museu Nacional de Tôkyô.
- (4) Miroku Bosatsu, bronze, 30.0 cm, segunda metade do séc. VII, Nachi, Wakayama.
- (5) Miroku Bosatsu, bronze, 31.5 cm, séc. VIII, Okadera.
- (6) Miroku Bosatsu de Tôdaiji, 39.0 cm, séculos 8-9, Nara.
- (7) Miroku Bosatsu de Jison'in, 43.2 cm, 892, Wakayama.
- (8) Miroku Bosatsu, início do período Heian (794~1185), madeira, 95 cm, templo Murooji, Nara.
- (9) Miroku Bosatsu, madeira, 133.0 cm, segunda metade do séc. VII, Chûgûji, Nara

Recentemente, o Miroku do Templo Chûgûji foi aberto ao público como sua estátua principal e como tesouro nacional. É tida como uma estátua realizada na segunda metade do período Asuka e se tornou um dos alvos de “peregrinação aos templos antigos” (*kojijunrei*, 古寺順礼) como uma das mais graciosas e representativas da arte japonesa. A expressão que esboça um sorriso discreto é chamado de “sorriso arcaico” (アルカイック スマイル). Como de costume, a estátua está sentada sobre um pedestal circular em forma de flor de lótus. O halo atrás da cabeça foi feita de madeira kusunoki (楠) onde também há uma flor de lótus aberta e central, hastes de lótus em forma circular e pequenos budas que se manifestam entre as nuvens. O penteado é um tipo de coque no topo da cabeça e o cabelo cai longamente sobre os ombros em tranças que se encaracolam na ponta num modelo chamado *suihatsu*. *Suihatsu* (垂髪) é o cabelo que pende até os ombros das estátuas *bosatsu* e *ten*. O feixe de cabelo pode-se dividir em 3/4 ou 5/6 em forma de ondas batendo nos ombros como *warabide* (蕨手, “broto de samambaia”), que também pode ser encontrado em imagens do período Wei do Norte da China (386~581). O pé que está no chão tem as pontas dos dedos levantadas como que congelando o momento em que um ser que voa põe o pé no chão. Sua aparência muscular lisa,

vertical e esbelta se ajusta ao pedestal circular e a postura triangular, resultando numa forma cônica, assim estabelecendo um padrão de beleza muito próxima às proporções geométricas tão caras à arte budista em sua relação com o taoísmo.

Bibliografia

NAKAMURA, Hajime. **Bukkyô Jiten** (“Dicionário Budista”). Tôkyô: Iwanamishoten, 1989.

中村元 「仏教辞典」 東京 岩波書店 1989.

JAPANESE-English Buddhist Dictionary (“Dicionário de Termos Budista em Japonês-Inglês”).

Tôkyô: Daitô Shuppansha, 1965. 「日英仏教辞典」 東京 大東出版社 1965.

SAWA, Ryûken. (comp.). **Butsuzôzuten** (“Dicionário de Estátuas e Pinturas Budistas”). Tôkyô:

Yoshikawa Kôbunkan, 1972. 佐和隆研 「仏像図典」 東京 吉川弘文館 1972.

MIZUNO, Seiichi. **Asuka Buddhist Art: Hôryûji** (“Arte Budista Asuka: Hôryûji”). Trad.

Richard L. Gage, New York, Weatherhill – Visão da Arte Japonesa / Tóquio: Heibonsha, 1974. v. 4. p. 150-172. 水野清一 「法隆寺」 平凡社 東京 1965.

MORIGUCHI, Minoru. ‘The Miroku Bosatsu of Kôryû-ji and Shôtoku Taishi’ (“O Miroku

Bosatsu de Kôryû-ji e Shôtoku Taishi”). **The East**, v. 27, n. 3, Tóquio, setembro/outubro, 1991. p. 10-16.

Imagens

MIZUNO, Seiichi. **Asuka Buddhist Art: Hôryûji** (“Arte Budista Asuka: Hôryûji”). Trad.

Richard L. Gage, New York, Weatherhill – Visão da Arte Japonesa / Tóquio: Heibonsha, 1974. v. 4. p. 150-172. 水野清一「法隆寺」 平凡社 東京 1965